

1971
ATTUALITÀ 1971

A BAMBINA



**A IGREJA DE
JESUS CRISTO
DOS SANTOS
DOS ÚLTIMOS
DIAS**

A Primeira Presidência

Spencer W. Kimball
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

Conselho dos Doze:

Ezra Taft Benson
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell
Russell M. Nelson
Dallin H. Oaks

Comitê de Supervisão:

M. Russell Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles A. Didier
George P. Lee

**Executivo do
International Magazine:**

M. Russell Ballard,
Editor;
Larry A. Hiller,
Editor Gerente;
David Mitchell,
Editor Associado;
Bonnie Saunders,
Seção Infantil;
Roger Gyling,
Desenhista.

Executivo de A Liahona:

José Maria Carleto,
Diretor Responsável,
Paulo Dias Machado,
Editor;
Victor Hugo da C. Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.



A LIAHONA

HISTÓRIAS E DESTAQUES

**Mensagem da Primeira
Presidência: "Auto-Suficiência",
Presidente Marion G. Romney** 1

**Eu Oriente, Mas És Tu Quem Deve
Dirigir, J. Stephen Larsen** 8

Testemunhos do Livro de Mórmon 10

**Buscar a Influência do Espírito
Estudando Diariamente as
Escrituras, Bruce T. Harper** 17

**Perguntas e Respostas:
"Testemunho", George Durrant** 22

**Perguntas e Respostas: "Ensino
Familiar", H. Kent Rappleye** 27

O Apicultor, Scott Samuelson 29

Ser Designado, Fred A. Rowe 33

**Com Respeito à Água e ao Pão,
Laird Roberts** 40

SEÇÃO INFANTIL:

Heróis & Heroínas, Vivian Paulsen 1

Acuma e o Kiva, Lynne Gessner 4

Só para Divertir, Sherry L. Scott 8

Na capa: Um dos aspectos da auto-suficiência é
ilustrado neste quadro, *Horta Familiar*, de Judith Mehr.

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP** Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr\$ 6.000,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa. Avenida Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **Cr\$ 750,00**. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Imprensoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: HOMART Fotocomposição e Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone: 289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

O CARÁTER CELESTIAL DA AUTO-SUFICIÊNCIA



*Presidente Marion G. Romney
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência*

Esta versão editada de um discurso do Presidente Romney proferido na conferência geral de outubro de 1982, está sendo republicada a pedido.

Amo as verdades simples do evangelho como foram ensinadas por todos os santos profetas e nunca me canso de falar a respeito delas. Desde o princípio dos tempos, o homem vem sendo aconselhado a ganhar seu sustento, tornando-se assim auto-suficiente. É fácil entender a razão de o Senhor dar tamanha ênfase a esse princípio, quando percebemos sua íntima ligação com a liberdade.

Dizia a respeito o Élder Albert E. Bowen: "O Senhor quer e tenciona que seu povo viva livre de coação, seja ela imposta ou apenas decorrente de

constrangimento da consciência... É por isso que a Igreja não se satisfaz com qualquer sistema que deixe pessoas capazes permanentemente dependentes, insistindo, pelo contrário, em que a verdadeira função e finalidade da assistência é ajudar as pessoas a ajudarem-se a si próprias e assim serem livres." (*The Church Welfare Plan, Gospel Doctrine Manual, 1946, p. 77.*)

Pessoas bem intencionadas criaram muitos programas destinados à assistência aos necessitados. Entretanto, muitos deles visam meramente a "ajudar as pessoas", em lugar de "ajudar as pessoas a ajudarem-se a si próprias". Nosso empenho precisa ter sempre a finalidade de tornar auto-suficientes e independentes, as pessoas fisicamente

Devemos procurar ser auto-suficientes e não depender dos outros para nosso sustento.

capazes.

Tempos atrás, recortei um artigo da revista *Reader's Digest*. Diz assim:

“Na vizinha cidade de St. Augustine (Flórida), milhares de gaivotas estão morrendo de fome em meio à fartura. A pesca continua boa, mas as gaivotas não sabem mais pescar. Há gerações elas dependeram dos barcos de pesca de camarão, que lhes lançavam os refugos das redes. Agora os barcos se foram...

“Os pescadores de camarão criaram um órgão assistencial para as gaivotas. E estas deixaram de preocupar-se em aprender a pescar e tampouco o ensinaram aos filhotes. Em vez disso, indicavam-lhes o caminho das redes de pesca.

“Agora as gaivotas, os belos pássaros livres quase que símbolos da própria liberdade, estão morrendo de fome, porque se deixaram iludir pelo engodo do ‘algo por nada’! Sacrificaram sua independência em troca de esmolas.

“Uma porção de gente é igual a elas. Não vêem nada de mal em abocanhar deleitáveis migalhas proporcionadas pelas agências de serviços sociais do governo. Mas, o que acontecerá, quando

os recursos do governo se exaurirem? E aos filhos das gerações futuras?

“Não sejamos como gaivotas simplórias... Temos de preservar nossos talentos de auto-suficiência, nossa capacidade de criar coisas, o senso de economia e o genuíno amor à independência.” (“Fable of the Gullible Gull”, *Reader's Digest*, outubro de 1950, p. 32.)

O costume de cobiçar e receber benefícios gratuitos arraigou-se de tal forma em nossa sociedade, que até mesmo homens abastados, donos de meios de produzir mais riquezas, esperam que o governo lhes garanta seus lucros. As eleições freqüentemente giram em torno do que os candidatos prometem fazer pelos votantes com fundos do governo. Tal prática, se universalmente aceita e implantada em qualquer sociedade, fará de seus cidadãos escravos.

Não podemos dar-nos ao luxo de viver sob a tutela do governo, mesmo se tivéssemos direito legal a isso. Requer um sacrifício muito grande em termos de respeito próprio e independência política, temporal e espiritual.

Em certos países torna-se muito difícil separar os benefícios merecidos dos imerecidos. Todavia, o princípio é o mesmo em toda parte: procurar ser auto-suficiente e não depender dos outros para sustentar-se.

Tememos que muitos pais, na Igreja, estão transformando os filhos em “gaivotas simplórias”, com sua permissividade e liberalidade com os recursos familiares. Na verdade, a atuação dos pais nesse aspecto, pode ser bem mais prejudicial que qualquer programa do governo.

Bispos e outros líderes do sacerdócio



podem tornar-se culpados de transformar membros da ala em “gaivotas simplórias”. Certos membros tornam-se financeira ou emocionalmente dependentes do bispo. Propina é propina, venha de onde vier. Toda ação da Igreja e da família deve visar à auto-suficiência e independência dos filhos e dos membros. Nem sempre podemos controlar os programas governamentais, mas temos controle sobre nosso lar e congregação. Ensinando e praticando esses princípios, podemos minimizar em grande parte os efeitos negativos de eventuais programas governamentais.

Sabemos perfeitamente que algumas pessoas não têm condições de se tornarem auto-suficientes. É a elas que se referia o Presidente Henry D. Moyle, quando disse:

“Esse grande princípio não nega ao necessitado e ao pobre a necessária assistência. Os totalmente incapacitados, os idosos e enfermos são assistidos com todo carinho; de toda pessoa fisicamente apta, contudo, espera-se que se empenhe ao máximo para evitar dependência, se tiver condições; encarar a adversidade como temporária; combinar a fé com a capacidade de trabalhar honestamente....

“Cremos ser raro que homens de profunda fé, autêntica coragem e firme determinação, tendo a chama da independência acesa no coração e orgulho em seus feitos, não consigam vencer os obstáculos que encontram pelo caminho.” (*Conference Report*, abril de 1948, p. 5.)

Gostaria de falar a respeito de uma verdade muito importante: a auto-suficiência não é um fim em si, mas um meio para um fim. É perfeitamente possível uma pessoa ser plenamente independente, embora carente de

qualquer outro atributo desejável. A pessoa pode amealhar riquezas e nunca ser obrigada a pedir qualquer auxílio; mas, a menos que essa independência esteja ligada a alguma meta espiritual, isto é capaz de corroer sua alma.

O programa de bem-estar da Igreja tem cunho espiritual. Ao ser iniciado, em 1936, o Presidente McKay fez esta astuta observação:

“O desenvolvimento do caráter espiritual deveria ser nosso principal cuidado. A espiritualidade é o supremo atributo da alma, o lado divino do homem; 'o dom supremo régio, que o torna rei de todas as coisas criadas'. É a consciência da vitória sobre o ego e a comunhão com o infinito. Somente a espiritualidade nos dá o melhor na vida.

“É louvável fornecer roupas ao escassamente vestido, suplementar a mesa mal suprida, dar trabalho aos que lutam desesperadamente com o desespero provocado pela indolência forçada; contudo, depois de tudo dito e feito, as maiores bênçãos decorrentes do programa de bem-estar da Igreja são espirituais. Aparentemente, todas as providências são dirigidas ao físico: recuperação de roupas, enlatamento de frutas e hortaliças, armazenamento de mantimentos, escolha de terras férteis — tudo parece estritamente temporal; todos esses atos, porém, são permeados, inspirados e santificados pelo elemento da espiritualidade.” (*Conference Report*, outubro de 1936, p. 103.)

A escritura em Doutrina e Convênios 29:34, 35 nos diz que não existe mandamento temporal. Diz também que o homem deve ser “seu próprio árbitro”. E o homem não pode sê-lo sem ser independente. Isto mostra que independência e auto-suficiência são

chaves essenciais para o progresso espiritual. Sempre que chegamos a uma situação que ameaça nossa independência, veremos que nossa liberdade é igualmente ameaçada. Sempre que aumenta nossa dependência, veremos que imediatamente decresce nossa liberdade de agir.

Assim, pois, devemos ter aprendido que a auto-suficiência é um requisito prévio para a total liberdade de ação. Todavia, aprendemos igualmente que auto-suficiência não tem nada de espiritual, a menos que saibamos usar corretamente essa liberdade. O que, então, devemos fazer, a fim de crescer espiritualmente depois de alcançada a independência?

A chave está em usar a liberdade para guardar os mandamentos de Deus. As escrituras são bem claras, quando dizem que é dever dos que *têm, dar* aos necessitados.

Dizia Jacó, falando ao povo de Néfi:

"Prezai vossos irmãos como a vós mesmos; sede amáveis para com todos e liberais com vossos bens, para que eles possam ser ricos como vós.

"Mas antes de buscardes as riquezas, buscai o reino de Deus.

"E depois de haverdes obtido uma esperança em Cristo, conseguireis riquezas, se as procurardes; e procurá-las-eis com o fito de praticar o bem; para vestir os nus, alimentar os famintos, libertar os presos e dar conforto aos doentes e aflitos." (Jacó 2:17-19.)

Em nossa dispensação, quando a Igreja contava apenas dez meses de existência, disse o Senhor:

"Se tu me amas, me servirás e guardarás todos os meus mandamentos.

"E eis que tu te lembrarás dos pobres,

Servir é a própria fibra de Sque é feita a vida exaltada no reino celestial.

e para o seu sustento consagrarás tuas propriedades." (D&C 42:29-30.)

E no mesmo mês, o Senhor voltou ao assunto. Evidentemente os membros estavam sendo um pouco omissos, não se empenhando como deveriam.

"Eis que vos digo que deveis visitar os pobres e necessitados e administrar-lhes alívio." (D&C 44:6.)

Sempre me pareceu paradoxal que o Senhor tenha de *mandar* fazer as coisas que são para o nosso próprio bem. Diz ele: "Quem achar a sua vida, perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor de mim, acha-la-á." (Mateus 10:39.) Perdemos a vida servindo e edificando o próximo, e assim sentimos a única verdadeira e eterna felicidade. Servir não é algo que temos de suportar na terra, a fim de adquirir o direito de viver no reino celestial. Servir é a própria fibra de que é feita a vida exaltada no reino celestial.

Glorioso será o dia em que essas coisas acontecerão naturalmente, devido à pureza de nosso coração. Nesse dia, não mais haverá necessidade de mandamento, porque teremos experimentado pessoalmente que somos realmente felizes só quando empenhados

em serviço abnegado.

Será que percebemos a importância crítica da auto-suficiência, quando olhada como requisito prévio para servir, sabendo ainda que servir é a essência da divindade? Sem auto-suficiência, não se pode exercer o inato desejo de servir. Como é possível dar, quando não há nada para dar? Alimento para o faminto não se tira de prateleiras vazias. Dinheiro para ajudar ao necessitado não pode sair de bolso vazio. Apoio e compreensão não podem vir do emocionalmente carente. O ignorante não pode ensinar. E mais importante que tudo, o espiritualmente fraco não pode dar orientação espiritual.

Existe uma interdependência entre os que têm e os que não têm. Dar exalta ao pobre e humilha o rico. Nesse processo, ambos são santificados. O pobre, liberto da servidão e limitações da pobreza, como homem livre está em condições de atingir seu pleno potencial, tanto temporal como espiritualmente. O rico, repartindo o que lhe sobra, participa do eterno princípio do dar. Depois que a pessoa se torna auto-suficiente, ela passa a ajudar os outros, e assim o ciclo se perpetua.

Todos somos auto-suficientes sob certos aspectos, e dependentes em outros. Por isso, cada um de nós deve empenhar-se em ajudar os outros nos aspectos em que é mais forte. Paralelamente, o orgulho não deve impedir-nos de aceitar a mão prestativa, quando temos uma real necessidade. Recusá-la seria negar à outra pessoa a oportunidade de uma experiência edificante.

Uma das três áreas ressaltadas num recente pronunciamento acerca da missão da Igreja é aperfeiçoar os santos, justamente o objetivo do programa do bem-estar. Hoje é o tempo para

aperfeiçoarmos nossa vida. Que continuemos fiéis a estas verdades. ★

Vamos Conversar a Respeito

Após a leitura do artigo do Presidente Romney, as famílias poderiam debater os princípios a seguir em uma próxima reunião de conselho familiar.

Princípios para o Aperfeiçoamento de Nossa Vida por meio da Auto-suficiência e do Serviço ao Próximo.

Os OBSTÁCULOS à Auto-suficiência são: As PORTAS para a Auto-suficiência são:

- | | |
|---|---|
| • Indolência | • Diligência e trabalho |
| • Gastar sem controle | • Poupança, economia, orçamento |
| • Quebrar os mandamentos | • Obedecer à Palavra de Sabedoria, guardar os mandamentos, pagar o dízimo honestamente. |
| • Indiferença quanto ao armazenamento doméstico | • Ter suprimentos para um ano de alimentos, roupas e (onde possível) combustível. |
| • Nenhuma produção doméstica de alimentos | • Produzir alimentos no lar |
| • Dívidas e pagamento de juros | • Evitar dívidas (quando possível) e desenvolver estabilidade financeira |
| • Desinteresse quanto à profissionalização | • Aprimorar-se profissionalmente |
| • Atitudes negativas | • Desenvolver saúde física e emocional e social |

Os OBSTÁCULOS ao Serviço ao Próximo são:

- Pensar somente em si mesmo e na própria família
- Ter receio de compartilhar
- Guardar o que possui para si mesmo
- "Exagerar" na assistência àqueles que poderiam ajudar a si mesmos, criando uma atitude de dependência
- Dar atenção apenas a si mesmo e sua família
- Achar que não tem tempo para servir, nem talentos para compartilhar

As PORTAS para o Serviço ao Próximo são:

- Pensar nas outras pessoas
- Compartilhar o que tem, sempre que possível
- Dar uma oferta de jejum generosa
- Ajudar as pessoas a ajudarem-se a si mesmas (edificar a auto-suficiência nas outras pessoas)
- Dar de seu tempo, meios e talentos em favor da família, igreja e comunidade
- Participar de projetos de serviço individuais e em grupo

Idéias para os Mestres Familiares

Alguns pontos a serem enfatizados.

Estes pontos poderão ser discutidos durante as visitas de ensino familiar:

1. Devemo-nos esforçar para alcançar a auto-suficiência; ensinamentos e programas da Igreja visam a esse objetivo.
2. O Presidente David O. McKay disse: "As maiores bênçãos decorrentes do programa de bem-estar da Igreja são espirituais. Aparentemente, todas as providências são dirigidas ao... estritamente temporal; todos esses atos, porém, são permeados, inspirados e



santificados pelo elemento da espiritualidade".

3. A auto-suficiência é um requisito prévio para a total liberdade de ação. A chave para tornar espiritual a auto-suficiência é usar essa liberdade para servir o próximo.
4. Servir é a própria fibra de que é feita a vida exaltada no reino celestial.

Sugestões para Debate

1. Fale do que sente ou conte experiências pessoais a respeito da auto-suficiência.
2. Existem versículos ou citações das escrituras neste artigo que a família poderia ler em voz alta e a seguir debater?
3. Seria melhor conversar com o chefe da família antes de abordar este assunto? O líder do quorum ou bispo tem mensagem para o chefe da família a respeito da auto-suficiência?

EU ORIENTO, MAS ÉS TU QUÉM DEVE DIRIGIR

J. Stephen Larsen

Quando jovem, eu tinha a idéia de que se cuidasse dos assuntos do Senhor, ele cuidaria de mim. Não estou certo de onde foi que obtive essa idéia tão sem fundamento, mas ela me parecia interessante, de modo que a segui fielmente durante anos. Ela me proporcionava a cômoda proteção que eu desejava para livrar-me da necessidade de ser cauteloso e cuidadoso. Permitia que me desculpasse de pequenos insucessos no serviço, de problemas no lar e até mesmo de grandes catástrofes. "Decerto o Senhor está-me provando", dizia eu quando uma transação comercial era mal sucedida: "Satanás realmente nos está perseguindo", era meu comentário quando surgiam contendas em nossa família.

Por achar que o Senhor sempre cuidaria de mim, não achava necessário "ponderar em minha mente" (D&C 9:8) antes de perguntar ao Senhor. Achava que uma breve oração resolveria tudo. Eu costumava dizer: "Pai, fiz o melhor que pude para servir-te, agora te peço que me abençoes no que vou fazer." Achava que magnificando meu chamado na Igreja, Deus não permitiria que perdesse minha família — que se pusesse o Senhor em primeiro lugar, nunca teria dificuldades financeiras. Não compreendia que, agindo assim, estava cedendo ao mesmo

espírito de tentação apresentada ao Salvador por Satanás: "Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo: porque está escrito: Que aos seus anjos dará ordens a teu respeito; e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra." (Mateus 4:6.)

Por fim, à medida que mais "provas" começaram a aparecer em minha vida, completamente frustrado e desapontado passei a examinar minha atitude descuidada. Comecei a estudar as escrituras e a ponderar e orar a respeito da responsabilidade pelos meus afazeres. Encontrei evidências irrefutáveis de que Deus quer que arquitetemos nossos próprios planos e metas, sempre buscando a confirmação de que nossa decisão é correta. Nosso relacionamento com Deus não é uma *alternativa* para o esforço pessoal. Ele é um guia que nos conduz pelo caminho do crescimento e compreensão, caminho que devemos trilhar por nosso próprio esforço. Ao adotar esse novo enfoque, coloquei meus afazeres em ordem e assumi a responsabilidade por minha vida.

Certo dia, eu passeava de carro com minha família pelas montanhas da redondeza como atividade da noite familiar. Ao passar por um trecho cheio de curvas fechadas, perguntei-lhes se achavam que eu havia servido



diligentemente ao Senhor na semana anterior. Todos concordaram que eu havia trabalhado muitas horas como bispo. Perguntei então: "Se eu realmente procurei primeiro o reino de Deus e a sua justiça, quantos de vocês têm fé e acreditam que todas estas coisas me serão acrescentadas e que o Senhor cuidará de nós?" (Veja Mateus 6:33.) Após alguma hesitação inicial, houve consenso geral de que Deus estava obrigado pelas escrituras a fazê-lo.

"Bem, então", disse eu com alegre confiança, "este foi um dia cansativo e estou cansado de ser cuidadoso. Acho que vou largar o volante e deixar que Deus cuide de nosso destino." Houve um pandemônio no carro. Quatro de nossos cinco filhos ficaram envergonhados de não terem fé suficiente para deixar o volante aos cuidados de Deus. Nossa filha de dois anos não foi abalada em sua fé — para ela não fazia diferença quem dirigisse o carro. Minha esposa veio em socorro das crianças e, voltando-se para mim, defendeu-os dizendo: "Acreditamos que Deus tem o poder de nos levar até nosso destino, mas ele não tem necessidade de fazê-lo. Você já está

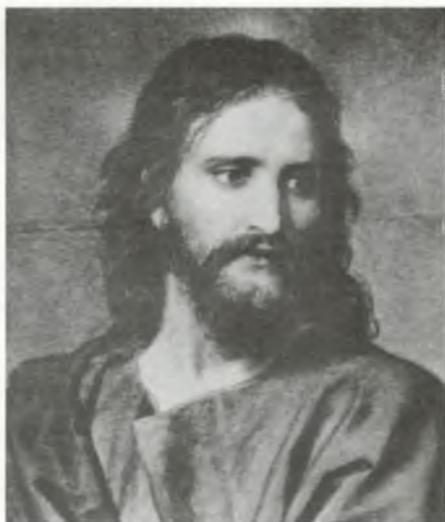
sentado no banco do motorista. Agora, por favor, mantenha as mãos no volante e dirija com cuidado."

"Sim", disse eu. "Servir a Deus e edificar seu reino pode ser a mais gostosa tarefa da vida, e pode-nos trazer bênçãos. Mas não nos dispensa da obrigação de usar o bom senso e cautela nos afazeres diários da vida. De fato, podemos receber orientação para a execução desses afazeres. Fim da lição."

Nossa vida e situação melhoraram desde então, assim como nosso entendimento sobre Deus. Não preciso mais de uma desculpa escriturística para escorar minha fé vacilante, tentando explicar por que ele deixou que eu malograsse. Em lugar disso, fico grato por ter-nos dado as escrituras, os profetas modernos e o dom do Espírito Santo para nos guiar a um nível mais elevado de entendimento. Nosso Pai nos orientará, mas não dirigirá nossa vida em nosso lugar. Ele quer algo melhor para nós; quer que aprendamos a nos dirigir na vida como ele o faria, para que onde ele estiver, estejamos nós também. (Veja João 14:3.) ★

TESTEMUNHOS DO LIVRO DE MÓRMON

O Salvador e os profetas
testificam a respeito do
"mais correto dos livros".



O SENHOR JESUS CRISTO

Ele [Joseph Smith] traduziu aquela parte do livro que eu lhe ordenei, e, assim como vive o vosso Senhor e vosso Deus, a tradução é verdadeira." (D&C 17:6.)

"[Deus] do alto deu-lhe poder para traduzir, pelos meios que haviam antes sido preparados, o Livro de Mórmon;

"Que contém o registro de um povo decaído e a plenitude do Evangelho de Jesus Cristo aos gentios e aos judeus também;

"O qual foi dado por inspiração, e é conferido a outros pela ministração de anjos, e é por eles proclamado ao mundo — Provando ao mundo que as sagradas escrituras são verdadeiras, e que Deus inspira os homens e os chama ao seu santo serviço, nesta época e geração, tanto quanto em gerações de tempos antigos;

"Mostrando assim que ele é o mesmo Deus ontem, hoje e para sempre...

"E os que o receberem em fé, e agirem em justiça, receberão a coroa da vida eterna." (D&C 20:8-12, 14.)

"E novamente, os élderes, sacerdotes e mestres desta igreja deverão ensinar os princípios do meu evangelho que estão na Bíblia e no Livro de Mórmon, nos quais se acha a plenitude do evangelho." (D&C 42:12.)

JOSEPH SMITH

"Eu disse aos irmãos que o Livro de Mórmon era o mais correto de todos os livros sobre a terra e a pedra angular da nossa religião; e que o homem chegaria mais perto de Deus vivendo seus preceitos do que por qualquer outro livro." (*History of the Church*, 4:461.)

Eu traduzi o registro pelo dom e poder de Deus. (*History of the Church*, 4:537.)

"Consideremos o Livro de Mórmon, que um homem tomou e escondeu em seu campo, plantando-o com fé, para que brotasse nos últimos dias ou no devido tempo; e eis que o vemos sair da terra, na verdade, a menor de todas as sementes; eis que se ramificou, sim, erguendo-se altaneiro, cheio de ramos e majestade divina até tornar-se, como o grão de mostarda, a maior de todas as vegetações. É verdadeiro, brotou e saiu



da terra. A justiça começa a descer dos céus, e Deus está enviando seus poderes, dons e anjos, para que se aninhem nos seus ramos." (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, pp. 95-96.)



BRIGHAM YOUNG

"Quando o Livro de Mórmon foi impresso pela primeira vez, chegou até minhas mãos duas ou três semanas depois.

...Estudei o assunto cuidadosamente por dois anos antes de me decidir a aceitar o livro. Eu sabia que era verdadeiro, da mesma forma como sabia que podia ver com meus olhos, que podia sentir com o toque dos dedos ou perceber a manifestação de qualquer dos sentidos. Se assim não fosse, não o teria aceito até os dias de hoje." (*Journal of Discourses*, 3:91.)

"O Senhor vem trabalhando há séculos com a finalidade de preparar o caminho para o surgimento do conteúdo desse livro, oculto no seio da terra, para ser publicado ao mundo, a fim de mostrar aos seus habitantes que ele ainda vive e que, nos últimos dias, reunirá seus eleitos dos

quatro cantos da terra.” (*Discursos de Brigham Young*, compilados por John A. Widtsoe, p. 109.)



JOHN TAYLOR

“O evangelho do Livro de Mórmon e o evangelho da Bíblia concordam entre si: a doutrina em ambos os livros é a mesma. Somente a parte histórica difere: um conta a história de um povo asiático, outro de um povo americano. ...Ele é verdadeiro e nós sabemos disso.” (*Journal of Discourses*, 5:240-41.)

“Não confieis em vós mesmos, mas estudai os melhores livros — a Bíblia e o Livro de Mórmon — e buscai obter todo o conhecimento que for possível, e achegai-vos a Deus, mantendo-vos livres de todo tipo de corrupção e poluição, e as bênçãos do Altíssimo estarão convosco.” (*Journal of Discourses*, 12:398.)

WILFORD WOODRUFF

“Ao fazê-lo [começar a ler o Livro de Mórmon] o Espírito prestou-me testemunho de que o registro que ele continha era verdadeiro. Abri meus olhos para ver, meus ouvidos para ouvir e meu



coração para compreender. Abri também minhas portas para receber os servos de Deus.” (Citado por Matthias F. Cowley, *Wilford Woodruff: History of His Life and Labors*, Salt Lake City, Utah: Bookcraft, 1964.)

“Senti muito do Espírito de Deus prestando testemunho do Livro de Mórmon. Acreditei que ele era luz saindo das trevas e verdade saindo da terra.” (Diário de Wilford Woodruff, anotação do dia 31 de dezembro de 1833. Encontrado nos Arquivos da Igreja.)

“Leio esses livros — a Bíblia, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios, e os considero como verdades eternas. ... [Eles] contêm as palavras de vida eterna para esta era.” (*Journal of Discourses*, 22:146, 335.)

LORENZO SNOW

“Sou um dos que receberam do Senhor a mais forte revelação concernente à veracidade desta obra. [A restauração, incluindo o Livro de Mórmon.] Essa manifestação esteve comigo de maneira poderosa durante horas e horas; e sejam quais forem as circunstâncias que

venham a ocorrer em minha vida, enquanto durar a minha memória este perfeito conhecimento permanecerá comigo." (Conferência Geral de outubro de 1900.)



JOSEPH F. SMITH

"O Livro de Mórmon... não pode ser desacreditado, pois ele é verdadeiro. Não há sequer uma palavra de doutrina, de admoestação, de instrução entre suas páginas que não esteja de acordo, em sentimento e veracidade, com as palavras de Cristo e seus apóstolos encontradas na Bíblia. Da mesma forma, não há sequer uma palavra de conselho, de admoestação e de reprovação entre suas páginas que não seja destinada a transformar o homem mau em bom, e o homem bom em alguém melhor ainda, se der ouvidos às suas palavras. Ele traz em si o selo da inspiração do começo ao fim, e traz convicção à alma de todo aquele que é honesto de coração." (*Journal of Discourses*, 25:99-100.)

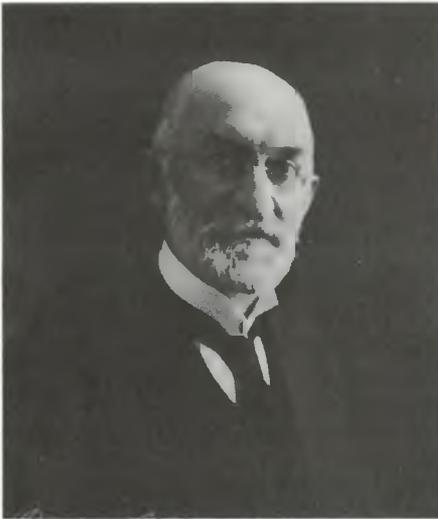
"A respeito da leitura do Livro de Mórmon e Doutrina e Convênios, ... ninguém pode tornar-se um missionário eficiente desta Igreja sem estar



familiarizado com esses livros. E quanto mais os conhecer, mais capacidade terá de cumprir os deveres do seu ministério." (Carta de Joseph F. Smith a seu filho Joseph Fielding Smith, em *From Prophet to Son: Advice of Joseph F. Smith to His Missionary Sons*, compilado por Hyrum M. Smith e Scott G. Kenney, Salt Lake City, Utah: Deseret Book, 1981.)

HEBER J. GRANT

Regozijei-me durante as últimas seis ou sete semanas com a leitura cuidadosa do Livro de Mórmon, à média de dez páginas ao dia, com espírito de oração. Penso que nunca antes apreciei tanto esse livro. Sinto que nunca os maravilhosos testemunhos nele contidos a respeito da missão divina do Salvador deixaram tão profunda impressão em meu coração e alma quanto nesta última vez em que li o Livro de Mórmon. Recordo-me, como muitas vezes mencionei em discursos, de tê-lo lido na juventude e de como me veio ao coração um testemunho confirmador de que o livro era verdadeiro, que era de fato exatamente o que alegava ser — a sagrada história dos antepassados dos



índios americanos. Em minha infância e na juventude não pude compreender tão plenamente quanto agora seus esplêndidos discursos a respeito da divina missão do Salvador. Seus maravilhosos ensinamentos ao povo deste continente, os ensinamentos maravilhosos e inspirados de Alma, de Abinadi e de muitos outros contidos neste livro. Mas sinto uma gratidão inefável por haver lido o livro em minha juventude e pela certeza que me veio ao coração de que ele realmente continha a verdade, e por impressionar-me tanto o caráter de Néfi...

"Regozijo-me pelo crescimento do testemunho em meu coração e alma a respeito da divindade do Livro de Mórmon, nesta leitura que acabo de realizar." (Conferência Geral de abril de 1924, p. 157-59.)

GEORGE ALBERT SMITH

"O Livro de Mórmon é um registro sagrado que contém conhecimentos que não podem ser obtidos em nenhum outro livro. O Senhor nos deu o mandamento de compartilhar com todos os seus filhos as verdades do evangelho eterno que

foram reveladas a fim de prepará-los para um lugar no reino Celestial. ...

"Meu coração enche-se de alegria por saber que todo homem que o ler [o Livro de Mórmon] com oração, todo homem que deseje saber se ele é de Deus ou não, tem a promessa, não de Joseph Smith ou de qualquer ser humano vivente, mas a promessa de nosso Pai Celestial de que saberá com certeza que ele é de Deus. ...



"Esses dois livros [o Livro de Mórmon e a Bíblia] juntos, nos ensinam de onde viemos, por que estamos aqui e para onde poderemos ir; e ambos contêm conselhos, conselhos amorosos de nosso Pai Celestial destinados a inspirar-nos a fazer as coisas que enriquecerão nossa vida aqui e nos prepararão para a felicidade eterna." (Conferência Geral de abril de 1936, p. 13-16.)

DAVID O. MCKAY

"Testifico-lhes que o Livro de Mórmon é verdadeiramente a Palavra de Deus, que a comunicação entre os céus e a terra foi restabelecida, e que o verdadeiro



caminho do Senhor foi revelado aos homens na terra, mostrando os meios pelos quais todo conhecimento e bênçãos necessárias podem ser alcançados por aqueles que verdadeiramente acreditam em Cristo." (*Instructor*, outubro de 1952, p. 318.)

"[O Livro de Mórmon] é um livro maravilhoso. Ele é uma das principais pedras angulares da Igreja restaurada." (*Improvement Era*, novembro de 1960.)

JOSEPH FIELDING SMITH

"Comecei a ler o Livro de Mórmon antes de ter idade para ser um diácono, e o tenho lido desde então. Sei que é verdadeiro.... Sinto que nenhum membro da Igreja jamais deveria dar-se por satisfeito sem que tenha lido o Livro de Mórmon vez após vez, e cuidadosamente considerado o mesmo, de modo a poder prestar testemunho de que é um registro que contém em si a inspiração do Todo-Poderoso, e que sua história é verdadeira....

"Esses registros [o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor] são de valor inestimável.... Através



dos seus ensinamentos podemos chegar mais perto de Deus, ganhar melhor compreensão a respeito de nosso Pai Celestial e de seu Filho, Jesus Cristo, conhecê-los melhor e conhecer mais a respeito do maravilhoso plano de salvação que eles nos deram e que deram ao mundo, se este aceitar o plano que nos exaltarão no reino de Deus para que nos tornemos seus filhos e filhas, recebendo a plenitude desse reino....

"Quero prestar meu testemunho a vocês... que eu sei que o Livro de Mórmon é verdadeiro; que Joseph Smith o recebeu da mão de Deus por meio de um anjo que foi enviado para revelá-lo, e que esse mesmo anjo, quando vivia aqui na terra, completou o registro e o selou para que viesse à luz nesta que é a Dispensação da Plenitude dos Tempos." (*Improvement Era*, dezembro de 1961, p. 925-26.)

HAROLD B. LEE

"Nestes dias em que a Bíblia vem sendo desacreditada por muitos, que misturaram filosofias do mundo com as escrituras da Bíblia para destruir seu verdadeiro significado, como é bom saber



que nosso Pai Celestial que sempre se preocupa com o bem-estar espiritual de seus filhos, nos deu um outro livro de escrituras, conhecido como Livro de Mórmon, para defender as verdades da Bíblia que foram escritas e proclamadas pelos profetas conforme orientados pelo Senhor....

"Através dessa segunda testemunha, podemos saber com maior clareza o significado dos ensinamentos dos profetas antigos e, de fato, dos ensinamentos do Mestre e seus discípulos, quando estes viveram e ensinaram entre os homens. Isto deveria inspirar todo aquele que busca honestamente a verdade, a reunir essas duas escrituras sagradas e estudá-las como uma só, compreendendo, como nós o fazemos, a verdadeira relação existente entre elas." (*Ye Are the Light of the World*. Salt Lake City, Utah: Deseret Book, 1974, p. 89-91.)

SPENCER W. KIMBALL

"Posso contar-lhes uma grande aventura? Ao viajar para cumprir uma designação de fim de semana, levei comigo um livro

incomum que foi meu companheiro de viagem em todos os momentos. Só conseguia deixá-lo de lado na hora de dormir, comer ou trocar de trem. Ele me fascinava, cativava e encantava com seu charme irresistível e texto envolvente. Eu o li muitas vezes.

"Ao terminá-lo, fechei o livro e sentei-me revivendo absorto o que havia lido. Suas páginas absorveram toda a minha atenção. Eu sabia que o livro era verídico....

"Ele é a palavra de Deus. Ele é uma poderosa segunda testemunha de Cristo....

"No último capítulo do livro encontra-se a promessa infalível de que toda pessoa que ler o livro com um desejo sincero e piedoso de conhecer a sua divindade, receberá essa certeza....

"Meus amados amigos, dou-lhes o Livro de Mórmon. Que possam lê-lo com espírito de oração, estudá-lo cuidadosamente e receber por experiência própria o testemunho de sua divindade." (*Improvement Era*, junho de 1963, p. 490, 493, 495.) ★

ESTUDANDO DIARIAMENTE AS ESCRITURAS

Buscar a Influência do Espírito Estudando Diariamente as Escrituras

Bruce T. Harper

Nossa filha, Lori, estava certa vez passando a noite na casa de amigas. Quando se preparavam para dormir, ela lembrou-se de repente de algo que havia esquecido naquele dia. "Oh", disse ela, "não estudei as escrituras hoje". Duas de suas amigas lembraram-se de que também não haviam estudado, de modo que pediram um Livro de Mórmon emprestado e o leram em conjunto.

Tal diligência no estudo das escrituras não é um hábito estabelecido há muito tempo em nossa família. Talvez não fôssemos muito diferentes de muitas outras famílias na Igreja quando passamos a estudar as escrituras. Sabíamos que devíamos fazê-lo; desejávamos fazê-lo, mas nunca tivéramos muito sucesso em nossas tentativas. Finalmente, decidimos criar o hábito de estudar as escrituras. Para atingirmos essa meta, adotamos o método apresentado por Carvel Whiting,

presidente da Escola Dominical da nossa estaca.

Seu método é muito simples. O objetivo principal de seu programa é criar o hábito de estudar as escrituras *todos os dias*. O propósito do programa é estabelecer uma atitude, chamar nossa atenção para as escrituras. Ele não determina quanto devemos ler diariamente nem sugere que as estudemos de uma maneira específica. Somos simplesmente encorajados a estudar as escrituras todos os dias, *por pouco que seja*, e a manter um registro de quantos dias consecutivos conseguimos estudar, mesmo que tenhamos lido apenas um versículo.

Usando esse método simples, podíamos ler uns poucos versículos ou dez páginas em determinado dia. Podíamos ler as escrituras capítulo por capítulo, ou estudá-la por assuntos; ou usar esse tempo para ler a designação para a próxima aula da Escola Dominical. Podíamos variar de tempos em tempos

*N*ós queríamos estudar as escrituras, mas nunca tivéramos muito sucesso em nossas tentativas.

— ler os capítulos em seqüência, pulando de vez em quando para outra parte das escrituras ou concentrando a atenção em um assunto específico. Podíamos até mesmo estabelecer uma meta secundária de ler um capítulo por dia (ou meia hora ou cinco páginas), mas ainda que não alcançássemos essa meta secundária, estaríamos tendo sucesso e mantendo hábito de estudar diariamente as escrituras, contanto que lêssemos ainda que fosse um só versículo durante o dia.

Verificamos que manter um registro do número de dias consecutivos que conseguimos ler é um sistema útil e flexível como motivação e reforço positivo. Números específicos de dias consecutivos (por exemplo 10 dias, 30 dias, 50 dias, 100 dias, 200 dias, 365 dias) poderiam ser considerados marcos nos quais faremos jus a uma recompensa ou reconhecimento da família. A freqüência e natureza da recompensa poderia variar de acordo com a idade ou maturidade dos participantes. Por exemplo, temos uma família bastante jovem, de modo que dávamos um simples doce ou quitute a cada dez dias aos filhos mais novos.

O programa forneceu a nossa família a necessária motivação para começar. Durante os primeiros dois anos em que usamos o método, nossa família deixou de estudar as escrituras em conjunto apenas duas vezes. Três de nós ultrapassamos o marco dos trezentos e sessenta e cinco dias, e o recorde de nossa família está com nosso filho mais velho, Tommy, que leu quatrocentos e quarenta e seis dias consecutivos antes de perder um — quando tinha de oito para nove anos de idade. Os dois filhos mais velhos, Lori e Tommy, já leram o Livro de Mórmon, a Pérola de Grande Valor e o Livro de Gênesis, e encontraram-se bastante adiantados em o Novo Testamento.

O propósito disso, naturalmente, é estabelecer o hábito do contato diário com as escrituras. O método usado para o desenvolvimento desse hábito não importa. O mais importante é desenvolver a atitude de considerar as escrituras como parte essencial da vida diária.

Minha família e outras que estudam as escrituras diariamente, constatamos que a palavra do Senhor tem uma influência poderosa para nós. A primeira mudança que percebemos foi que as escrituras e outros assuntos espirituais passaram a ter uma prioridade muito maior em nossa vida. Passamos a pensar nelas mais freqüentemente e sentimos falta delas quando negligenciamos seu estudo. Passamos mesmo a planejar alterações na programação normal de nosso dia para não deixarmos de ler as escrituras. Certo dia, minha esposa, Jean, e meus filhos planejaram telefonar-me no fim do dia para que pudéssemos visitar alguns amigos numa cidade próxima. Prevendo que as crianças provavelmente já estariam dormindo quando voltássemos



Minha família e outras que estudam as escrituras diariamente, constatamos que a palavra do Senhor tem uma influência poderosa em nossa vida.

para casa, decidimos levar as escrituras no carro e lê-las pelo caminho.

Tornar as escrituras uma prioridade no lar também afetou e motivou nossos filhos menores. Constatamos que quase todos os membros da família — mesmo os mais jovens — podiam ser envolvidos no estudo das escrituras. Quando começamos o estudo diário, nossa segunda filha, Shelly, tinha apenas cinco anos, e David e Richard apenas três e um ano e meio. Como não sabiam ler, pedimos aos outros filhos que lessem para eles dos livros de histórias das escrituras para crianças. Depois que Shelly aprendeu a ler, ela gostava de ler essas histórias para os irmãos menores. Nossos filhos progrediram ao ajudar seus irmãos menores a compreenderem as histórias.

Houve uma noite em que eu e Jean estávamos fora de casa em diferentes designações da Igreja. Pensei que estaria em casa a tempo de ler com as crianças, mas minha reunião prolongou-se além do planejado. Quando voltei para casa já eram nove horas, bem depois da hora de meus filhos irem para a cama. Jean já estava em casa e as crianças todas dormindo. “— Acabamos deixando de ler



as escrituras?” — perguntei. — “Não, Tommy e Lori (que na época tinham oito e dez anos) leram com os irmãos menores antes de eu voltar para casa”. Esse tipo de iniciativa partindo dos filhos era algo novo.

David e Lucy Shoell, que moram em nossa ala, contaram-nos com entusiasmo alguns resultados da leitura diária das escrituras em sua família. O filho mais velho, Stephen, já havia terminado o Livro de Mórmon. A filha, Kim, em lugar de ler as escrituras capítulo por capítulo, estava estudando as escrituras por assuntos que considerava interessantes. Ela demonstrou especial interesse pelo assunto da Segunda Vinda.

Ben e Ruby Ann Smith já tinham por hábito estudar as escrituras em família há algum tempo, tendo lido todas as obras-padrão. Mas quando estabeleceram a meta de estudar *diariamente*,

aumentaram esse estudo de cinco para sete dias por semana e descobriram que as crianças passaram a ter um interesse muito maior pela leitura. Elas passaram a tomar a iniciativa em lugar de dependerem da pressão dos pais. Sua filha Jody já está agora além da marca dos trezentos e sessenta e cinco dias.

Durante um acampamento das Moças de certa ala, as meninas estavam quase dormindo quando uma delas lamentou: "Oh, não! Esqueci de ler as escrituras hoje." Então outra replicou: "Eu também!" Depois outra, e outras mais. Como ninguém se havia lembrado de levar as escrituras para o acampamento, as líderes e moças recordaram suas histórias favoritas tiradas das escrituras. Foi uma experiência memorável.

Além de um maior conhecimento a maioria das pessoas que lêem as escrituras diariamente sentem-se mais próximas do Espírito — individualmente ou como família. Certa noite, quando Dean Cleverlys e sua família estavam lendo o evangelho, a filha de sete anos, Rebeca, comentou: "Estou-me sentindo muito bem aqui e agora." Enquanto a família comentava essa forte presença do Espírito, as outras crianças disseram que também estavam próximas do Espírito.

Uma família em nossa ala disse que foi motivada pelo estudo familiar diário das escrituras a iniciar as orações familiares e a realização regular da noite familiar. Muitos passaram a sentir mais fortemente o poder do Espírito e adquiriram maior consciência de seu relacionamento com Deus.

Muitos também observaram que a leitura diária das escrituras em família aumentou a união e harmonia no lar. A leitura das escrituras oferece oportunidades valiosas para resolver

A *credito que como resultado direto do estudo diário das escrituras, experimentei as mudanças mais fundamentais e poderosas já ocorridas em minha vida.*

problemas e ensinar o evangelho no lar. Lendo as escrituras, os familiares podem colocar os princípios em prática na própria vida, e isto dá ensejo a importantes debates em família, em espírito de harmonia e amor. Os princípios do evangelho e as histórias das escrituras passam a ser freqüente assunto de conversa à mesa do jantar.

A leitura de pelo menos alguns versículos todos os dias pode trazer bênçãos à vida daqueles que o fazem. Carvel Whiting que nos apresentou esse plano, disse: "Acredito que como resultado direto do estudo diário das escrituras, experimentei as mudanças mais fundamentais e poderosas já ocorridas em minha vida." A leitura diária das escrituras, o banquete diário com a palavra do Senhor, pode ser uma das experiências mais poderosas, influentes e satisfatórias que podemos ter, uma força que possibilita a ação do Espírito Santo em nossa vida. ★

Bruce T. Harper, pai de cinco filhos, é diretor de recursos missionários do Departamento Missionário da Igreja e professor da classe de Doutrina do Evangelho na ala Butler XVIII, Estaca Salt Lake Butler Oeste.

PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.



Pergunta: Acho que a Igreja é verdadeira, mas às vezes tenho dúvidas. Como posso ter certeza?
Resposta: George D. Durrant, bispo da Ala Mount Olympus III

Estaca Salt Lake Mount Olympus.

Você fez a mais significativa de todas as perguntas e demonstrou sincero desejo de encontrar a resposta. Se estivéssemos reunidos discutindo esse assunto sagrado, a primeira coisa que gostaria de dizer seria expressar-lhe o amor que dedico a você. Somente num clima de amor e com o espírito da verdade podemos discutir e compreender os processos espirituais capazes de revelar à nossa alma que Joseph Smith foi um profeta, que Jesus Cristo é o Redentor e que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a igreja divina do Senhor.

Alma deu-nos a fórmula para conhecer a verdade (veja Alma 32:28,43). Diz ele que se acreditamos o suficiente para darmos lugar em nosso coração a uma porção da palavra do Senhor, podemos começar uma experiência para verificar se realmente essas são palavras verdadeiras.

Ele compara o fato de darmos lugar em nosso coração a uma experiência

dessa natureza com o plantio de uma semente. Se a semente é boa e não a rejeitarmos com nossa descrença ou resistência ao Espírito do Senhor, ela começará a crescer dentro de nós e saberemos que se trata de uma boa semente.

Em outras palavras, ao considerarmos uma doutrina, assumirmos um compromisso, mudarmos de atitude ou realizarmos um serviço, estamos plantando uma semente dentro de nós. Se depois de fazê-lo sentirmos progresso, satisfação e alegria, saberemos que a semente era boa. E pelo seu crescimento saberemos que o que pensamos ou fizemos é bom. À medida que nutrimos a pequena planta, ela continuará a desenvolver-se e a produzir doces frutos que satisfarão a fome espiritual e serão como água para saciar a sede de nossa alma.

Jamais existirá resposta melhor à sua pergunta do que a de Alma. Sei, por experiência própria, que as coisas acontecem exatamente como ele disse.

Muitos encontram-se vez por outra à beira de uma primavera espiritual. Então, se fizermos algo que deveríamos fazer ou mudarmos algo que deveria ser mudado, ou ajudamos da maneira como deveríamos ajudar, estaremos plantando uma semente de significado eterno que crescerá e encherá a alma com um fruto tão bom que não poderemos negar sua realidade. Com o tempo, quase tão imperceptível como a chegada da primavera, descobriremos que sabemos sem ter certeza de quando foi que o soubemos. A partir de então, se nutrimos



a terra planta pelo estudo, serviço e oração, recebendo linha por linha, preceito sobre preceito, desenvolveremos um forte e inegável testemunho que nos trará uma colheita abundante.

Na juventude, cultivei meu solo espiritual. Plantei a semente da oração no coração e senti crescer o conhecimento de que existe um Deus que responde às nossas preces. Plantei a semente do serviço, fazendo visitas de mestre familiar e realizando outras tarefas na Igreja, e senti crescer em mim algo que me dizia que existe alegria nessas tarefas e que servindo ao próximo estava verdadeiramente a serviço de meu Deus. Paguei o dízimo e senti a alegria de ter as janelas dos céus abertas sobre mim.

Por esses e outros pensamentos, sentimentos e compromissos, encontrava-me em clima de primavera

espiritual quando plantei a mais poderosa semente que já havia plantado até então. Aceitei o chamado de sair em missão.

Havendo o bispo anunciado que o Senhor gostaria de que eu cumprisse missão, dirigi-me diretamente à oficina onde trabalhava e contei ao meu patrão que ia sair em missão. Ele respondeu: "Oh, isso é bom. É um ótimo treinamento. Você terá oportunidade de falar com outras pessoas e terá mais confiança em si quando voltar para casa." Depois acrescentou: "Mas não vá levantar-se na igreja para dizer que sabe que o evangelho é verdadeiro, porque você não tem como sabê-lo. Aqueles que dizem tal coisa são mentirosos. Eles não sabem que ele é verdadeiro." Naquela época eu não podia dizer-lhe que sabia que a Igreja era verdadeira, mas eu lhe disse que achava que era.



Minha colheita mais abundante aconteceu cerca de dois meses após haver chegado à Inglaterra como missionário. Aquelas primeiras semanas foram difíceis, e eu estava deprimido e com saudades de casa. Mas, ao mesmo tempo, tinha um forte desejo de me tornar um bom missionário. Fui designado a contar a história de Joseph Smith aos outros sete missionários do Distrito Hull. Levantei-me para recitar aquilo que havia preparado diligentemente e em espírito de oração plantado em minha alma. A princípio, a mensagem consistia apenas de palavras, mas então algo aconteceu. Avolumou-se em minha alma um sentimento que me encheu de tamanha alegria que mal conseguia falar. Visualizei mentalmente o Bosque Sagrado e pude ver Joseph Smith e pude ver que *ele* havia visto Deus, o Pai e seu Filho, Jesus Cristo. Então eu soube que aquilo era bom e

Não precisamos ser perfeitos para saber que a Igreja é verdadeira, mas precisamos desejar ser perfeitos.

verdadeiro. Não mais achava que a Igreja era verdadeira — eu sabia. Quando voltei da missão, disse na presença de meu antigo patrão que sabia que a Igreja era verdadeira. Se não o fizesse estaria negando os frutos reais e verdadeiros que haviam crescido em mim.

Sua experiência poderá ser diferente da minha, mas terá o mesmo resultado.

Algumas pessoas já sabem desde criança que a Igreja é verdadeira. Nunca houve dúvidas para elas porque sempre tiveram um testemunho vindo do Espírito. Todos gostaríamos de ser como elas. Mas, mesmo para essas pessoas pode haver uma primavera espiritual — uma época para novo plantio. E se elas não plantarem, poderão deixar de produzir frutos. Jesus Cristo desafiou cada um de nós a plantar sementes quando disse: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus, ou se eu falo de mim mesmo.” (João 7:17.)

O Presidente Kimball nos aconselha a plantar quando diz: “Faça-o.” Façam uma missão, casem-se no templo, paguem o dízimo, amem seu próximo, sejam honestos, procurem as coisas boas, não trapaceiem, abandonem algumas das coisas que fazem e que sabem não serem boas e que impedem seu progresso. Não precisamos ser perfeitos para saber que a Igreja é verdadeira, mas precisamos desejar ser perfeitos. Temos que nos tornar como os



nefitas que ouviram o discurso do Rei Benjamim e não tiveram "mais vontade de praticar o mal, mas de fazer o bem continuamente" (Mosiah 5:2).

Antes da missão, e nos primeiros dias dela, eu tinha o desejo de saber se a Igreja era verdadeira. Todavia, não era o meu desejo mais ardente. O que eu mais queria era tornar-me um bom missionário. Ao buscar essa meta, mais indireta do que diretamente vim a saber que a Igreja é verdadeira.

Muitos anos após minha primeira missão, e enquanto servia como presidente de missão, um élder me procurou dizendo que não sabia se a Igreja era verdadeira. Por esse motivo ele queria voltar para casa. Pedi-lhe que não o fizesse dizendo: "Você nunca poderá saber se a Igreja é ou não é verdadeira se ficar pensando: 'Vou voltar para casa.'"

Com essa falta de fé você está jogando fora a própria semente que Ihe poderá trazer a resposta que procura. Em primeiro lugar você deve dizer: 'Eu vou ficar. Não importa se a Igreja é verdadeira ou não. Eu vou ficar'." Em resumo, eu Ihe disse que a semente que ele deveria plantar no coração era a semente do compromisso de ficar e servir; então colheria os doces frutos do testemunho.

A resposta à sua pergunta: "Como posso ter certeza?" é simples. Você tem que "mergulhar" no trabalho. O fato de você achar que a Igreja é verdadeira mostra que está ao menos parcialmente envolvido no trabalho. Algumas pessoas querem saber se a Igreja é verdadeira antes de se envolverem plenamente no trabalho. Elas não querem esforçar-se por algo que não valha a pena. No meu caso,

Ande de cabeça erguida para ver o caminho a sua frente, mas não tão alto a ponto de não ver aqueles que necessitam de ajuda.

entretanto, tive que envolver-me primeiro para depois saber. Creio que você terá de fazer o mesmo para obter as respostas que procura.

Você poderá replicar: "Mas já tentei tudo isso." Eu respondo: "Tente mais um pouco." Não há outra maneira. Aplique-se ao trabalho e pergunte ao Senhor se é correto. Faça um esforço para saber a verdade. Não "fique sentado" pedindo ao Senhor que lhe dê um testemunho. Em lugar disso, "faça algo" e depois peça ao Senhor um testemunho. Lance a foice e encontrará algum trigo espiritual para ceifar. Não espere que o trigo apareça antes de começar a ceifar. Tenha fé e confiança.

Não seja precipitado na busca espiritual para saber se a Igreja é verdadeira. Isto seria como tentar esticar uma plantinha até sua estatura completa. Espere que ela cresça naturalmente. Não queira chegar ao pico se não começar a escalar o sopé da montanha. A vida é como um tecido, no qual não se pode simplesmente tecer o lado espiritual sem tecer o restante da vida diária. Você não tem que deixar seus afazeres diários ou realizar orações intermináveis. Não precisa viajar para uma terra distante para poder servir. Simplesmente ore enquanto segue seu caminho e sirva a quem encontrar nesse caminho. Além disso, comprometa-se a procurar saber

como tornar-se uma pessoa melhor e fazer do lugar em que vive um lugar mais alegre. É a maneira de tratar seus pais, seus companheiros de trabalho, como você lhes presta serviço que cria o solo fértil no qual as sementes espirituais podem germinar.

Siga em frente na vida. Ande de cabeça erguida para ver o caminho à frente, mas não tão alto a ponto de não ver aqueles que necessitam de ajuda. Ore com frequência e inclua em suas expressões de gratidão e devoção um simples pedido de confirmação espiritual de suas perguntas, esperanças e desejos. Tenha sempre uma prece no coração.

Comprometa-se a servir, amar, estudar e orar. Deus há de tocar seu coração, e o Espírito Santo testificará a sua alma que Jesus é o Cristo, que Joseph Smith realmente viu o Pai, que o Livro de Mórmon é verdadeiro, que o evangelho foi restaurado. Então você saberá que Jesus expiou pelos nossos pecados e que através das sagradas ordenanças administradas pelo sacerdócio da igreja restaurada podemos ser limpos de nossas faltas, tornando-nos mercedores do reino celestial.

É realmente bem simples. Se tornar as coisas mais complicadas, estará aprendendo sempre sem nunca chegar a um conhecimento da verdade. O processo é simples, porém difícil por requerer um esforço do fundo da alma. Onde muito é dado muito é requerido.

Entregue-se totalmente. Plante as sementes. Nutra-as. Então, um dia, você conhecerá a verdade e estará livre para aprender e ser tudo aquilo que o Pai Celestial deseja de você. A resposta a sua pergunta encerra as chaves que abrirão as portas para seu futuro eterno. O que você procura vale tudo o que você possui, pois é realmente a pérola de grande valor. ★



Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.



Pergunta: Como mestre familiar, o que posso fazer para incentivar e envolver meu companheiro júnior?

Resposta: *H. Kent Rappleye, professor do*

seminário, Tempe, Arizona.

Se os companheiros de visitas do ensino familiar pertencentes ao Sacerdócio Aarônico forem bem preparados, eles crescerão esperando ansiosamente por essa experiência. Para assegurar que isso aconteça, o portador do Sacerdócio de Melquisedeque mais experiente precisa ajudar seu companheiro júnior a participar real e efetivamente do programa de ensino familiar.

Eis algumas sugestões sobre como ajudar o portador do Sacerdócio Aarônico a crescer através de uma participação significativa. No processo de ajudar seu companheiro júnior, você possivelmente

perceberá que seu relacionamento com as famílias que visita melhorou consideravelmente.

1. Peça a seu companheiro júnior que apresente parte da mensagem. É claro que você não poderá simplesmente entregar-lhe o último exemplar da Liahona dizendo: "É a sua vez de dar a mensagem." Faça com que a apresentação da mensagem seja um trabalho conjunto de que ambos participam. Uma vez que não existem duas famílias idênticas, converse com ele a respeito de adaptar a mensagem a cada situação. Depois, peçam a ajuda do Senhor para apresentá-la.

2. Peça ao companheiro júnior que se encarregue de lembrá-lo dos aniversários e outras datas especiais, tais como batismo, feriados, formaturas etc. das pessoas que visitam. As possibilidades aqui são ilimitadas: Cartões, doces, lembranças de pouco custo etc. Talvez vocês dois possam levar a criança aniversariante para um passeio, assistir a um jogo ou filme. Para pessoas viúvas ou idosas, talvez a prestação de serviço seja mais significativo.

3. Naturalmente, não é apenas nas ocasiões especiais que se deve prestar assistência às famílias que visitam. Por exemplo, nenhuma viúva ou pessoa idosa deveria ter de pagar serviços de jardinagem ou pequenos consertos domésticos que não são capazes de fazer. Juntos, os mestres familiares poderiam lavar semanalmente o quintal, cuidar do jardim ou consertar uma janela etc... Para serviços maiores, seu companheiro júnior poderia envolver seu quorum do sacerdócio num projeto de serviço.

4. Muitos jovens têm experiência em cuidar de irmãos e irmãs menores em casa. Se vocês visitam uma família com filhos pequenos, seu companheiro júnior

poderia oferecer-se para cuidar das crianças pequenas (sem cobrar nada, é claro) enquanto os pais vão ao templo, realizam obra missionária ou de genealogia. Isto, inclusive, poderia ser feito em caráter mensal, para ajudar a família a freqüentar o templo regularmente, ou alguma outra meta almejada.

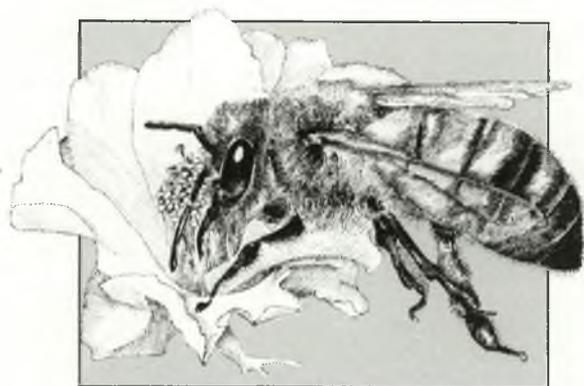
5. Incentive o seu companheiro júnior a compartilhar seus talentos e passatempos com as famílias. Talvez ele aprecie artesanato em madeira e possa ensinar a família a fazer uma peça de mobília. Talvez goste de esportes ou música ou arte, e possa ajudar os filhos das famílias a desenvolverem habilidades ou autoconfiança.

6. Quando for chamado a administrar uma bênção a um membro de uma de suas famílias, você poderia convidar seu companheiro júnior a acompanhá-lo. Se ele tem o Sacerdócio Aarônico, não poderá participar efetivamente da ordenança. Mas, poderia ser convidado a proferir uma oração antes da unção, se for apropriado. Ele pode aprender com a oportunidade de observar a fé e orações de outras pessoas, e assim desenvolver sua própria fé. (Cuide, entretanto de avisá-lo com antecedência do que você pretende fazer.) Ele poderá também crescer espiritualmente através do jejum e oração que vocês poderão fazer quando "suas" famílias ou membros delas tiverem necessidades específicas.

7. Ajude seu companheiro júnior a perceber a importância do exemplo para os filhos das famílias que vocês visitam. Por meio de sua aparência e atitudes, ele poderá demonstrar os benefícios de se trajarem adequadamente, de não seguir a "onda" do momento, cedendo a pressões dos companheiros de sua idade, e de escolher filmes e diversões apropriados. ★

O APICULTOR

Scott Samuelson



Na abertura de nossa reunião do sacerdócio, o bispo anunciou que muitos mestres seriam designados a novos companheiros sêniores para as visitas do ensino familiar. Cheio daquela alegre expectativa que acompanha essas mudanças de designação, saí da capela imaginando quem seria meu novo companheiro. Segui pelo corredor esperando ser escolhido para companheiro de um dos jovens e dinâmicos élderes de nossa ala. Olhei pelas portas abertas das salas de aula que se alinham pelo corredor e me imaginei trabalhando com um homem dinâmico e espiritual, decidido a cumprir bem o seu chamado. No fim do corredor ficava a sala da Sociedade de Socorro, que era onde se reuniam os sumos sacerdotes.

Ao fazer a curva para subir a escada, olhei para dentro da sala e vi de relance ali um homem idoso, vestindo um surrado terno cinza. Ele estava sentado sozinho, pensativo, com os dedos entrelaçados.

Usava óculos redondos, de aro metálico, e era meio pálido e enrugado. Eu já tinha visto aquele irmão antes, mas não sabia seu nome. E pareceu-me no momento o tipo de companheiro que eu *não* desejaria ter. *Por favor, ele não*, disse comigo mesmo. *Ele é muito velho.*

No andar de cima, o consultor do quorum de mestres informou-me que eu seria o companheiro de um tal Irmão Oliver Johnson. O nome não me dizia nada, mas logo mo descreveram como um sumo sacerdote idoso que usava óculos redondos e geralmente um terno cinza e era apicultor. Era ele. O homem que eu acabara de ver no andar térreo. Fiquei profundamente desapontado. Disse a mim mesmo que era o que eu merecia pelo que havia pensado dele, mas isso não diminuiu nem um pouco minha insatisfação. Fez apenas com que minha vontade de trabalhar com alguém jovem e dinâmico, alguém que eu conhecesse, aumentasse ainda mais.

Apesar de querer ser um bom



companheiro júnior, eu ainda me ressentia por ter sido designado para aquele irmão tão velho, que falava e andava tão devagar. Lembro-me em especial do quanto me desagradava sua maneira de dirigir. Eu estava em vias de receber minha tão aguardada carta de motorista e achava que ninguém dirigia tão bem quanto eu. Na primeira vez que saímos como dupla, o Irmão Johnson dirigia um carro decrépito que devia ter uns vinte anos de uso. Naquele veículo ultrapassado, pareceu-me que ele dirigia bem abaixo do limite de velocidade.

Acompanhando o ritmo lento e constante com que dirigia, ele falava devagar e com voz monótona, talvez sentindo minha impaciência e relutância — a minha juventude. Ao visitarmos mensalmente “nossas” famílias, pude verificar que naquele terno cinza e chapéu velho havia um homem cuja força residia na experiência. Contou-me a respeito da missão que ele e sua esposa foram chamados a cumprir. (A esposa falecera durante a missão, mas após o sepultamento, ele retornou ao campo para cumprir seu chamado.) Falou-me das trilhas dos índios, das abelhas e de pessoas que me pareciam pertencer a uma outra era.

Quanto mais falava, menos ele me desagradava. Seu modo vagaroso de dirigir já não me incomodava. Fazia com que tivéssemos mais tempo para conversar. O velho carro, seus óculos engraçados, seu chapéu velho e surrado, e o relógio de bolso com a tampa de cristal quebrada não mais me incomodavam. Era como se ele tivesse ficado mais jovem e eu mais velho.

De todos os assuntos sobre os quais conversávamos, interessei-me mais pelo seu trabalho de apicultor. Certo dia, no princípio do verão, ele me telefonou dizendo que estava indo para o desfiladeiro para ver como estavam



J. T. BARRETT

algumas de suas colméias. Perguntou-me se gostaria de acompanhá-lo. Subimos o desfiladeiro vagarosamente de carro, enquanto me contava como começara a interessar-se por abelhas e o que fazia para ajudá-las a produzir mel. Saindo da estrada asfaltada, enveredamos por uma estrada esburacada e poeirenta, e atravessamos alguns riachos. De tempos em tempos, eu tinha de descer do carro, abrir um portão de cercado de ovelha, esperar o Irmão Johnson passar e juntar-me a ele depois de fechar o portão.

Finalmente chegamos às colméias. Ele me deu um velho véu — um chapéu com uma rede de trama fechada descendo das abas para proteger o rosto das abelhas. Mandou-me verificar se minha camisa de mangas compridas (que mandou vestir) estava abotoada nos punhos. Deu-me uns elásticos para prender os punhos e mandou puxar o cano das meias por cima da barra das calças. Enquanto o Irmão Johnson fazia o mesmo, ia-me explicando que se as abelhas voassem ou caminhassem para dentro de uma manga ou perna de calça, acabariam sem poder sair, o que as assustaria e as faria picar. Fiquei admirado por ele não usar luvas. Quando terminou de preparar o fumegador, com o qual ele atordoava as abelhas, perguntei-lhe se já havia sido picado muitas vezes.

“Ora, sempre se é picado de vez em quando — geralmente quando as abelhas se assustam ou não nos conhecem. Ou talvez elas piquem quando não sabem o que a gente está fazendo. Elas também picam quando ficam presas.” E enquanto falava, olhou para mim, e debaixo do véu que distorcia suas feições, pude ver seus olhos brilhando e o pequeno sorriso de quem sabe do que está falando. O Irmão Johnson movia-se vagaroso, metódico e cuidadoso ao erguer a tampa das colméias e soprar a fumaça para acalmar as abelhas. Algumas pousaram nele, andando sobre suas mãos nuas. Algumas

até zumbiram agitadas em torno de sua cabeça, mas ele não se encolhia nem fugia. Eu me mantive à distância, só observando. Não tinha intenção de deixar que as abelhas pousassem em mim e tivessem oportunidade de me picar.

Algumas colméias estavam indo melhor que outras, e maravilhou-me que o Irmão Johnson soubesse o que ia mal, por que algumas colméias não estavam produzindo, e depois corrigir o problema. Ele não colheu mel naquele dia, mas prometeu-me que quando o fizesse, me daria um pouco. Disse-me que a maneira certa de comer mel, é mascar o favo e cuspir fora a cera. Explicou que assim era melhor do que simplesmente ingerir o mel puro, porque dessa forma a gente trabalha pelo que desfruta. Não compreendi muito bem o que ele queria dizer. Mas na primeira vez que tentei fazê-lo, eu entendi.

Anos mais tarde, quando estava no campo missionário recebi uma carta de mamãe com um recorte de jornal. No alto estava a foto do homem que tão carinhosamente me ensinara alguma coisa sobre abelhas, homens idosos e algo mais. O rosto que eu via na fotografia daquele obituário parecia estranhamente sem vida — tão diferente das feições que eu vira na sala da Sociedade de Socorro, na primeira vez em que me lembro de tê-lo visto, e ainda mais diferente da que eu vi por debaixo de um véu de apicultor naquele dia no desfiladeiro. E apesar de poder perguntar como Paulo: “Onde está, ó morte, o teu aguilhão?”, senti uma pontada de pesar e tristeza pelo falecimento daquele gentil-homem, daquele irmão. Ainda assim, minha mente sempre será consolada pela lembrança daquele mel rico e doce que ele encorajava suas abelhas a produzir, e que me deu para provar — ainda dentro do favo para que eu mesmo extraísse mascarando. ★



SER DESIGNADO



Fred A. Rowe

Você já teve oportunidade de subir além das nuvens e olhá-las de cima? As nuvens parecem diferentes quando vistas de cima. Estamos acostumados aos cúmulos ondulados, aos frágeis cirros e aos nimbos escuros e turbulentos. Vemo-las em movimento e enxergamos rasgos do céu azul além do teto temporário por elas formado.

Mas quando subimos acima das nuvens, elas parecem completamente diferentes. É particularmente emocionante olhar pela janela de um avião a jato voando a dez mil e quinhentos metros acima do nível do mar. Elas se parecem com montanhas e vales. De vez em quando, podemos ver formações móveis que lembram rios e riachos. Vocês sabiam que existem sombras sobre as nuvens? Quando voamos a grande altitude, a única coisa que vemos é o azul do céu no alto e a sombra do avião pulando de nuvem para nuvem abaixo de nós.

Freqüentemente encontramos uma brecha entre nuvens através da qual podemos enxergar um rio ou uma estrada milhares de metros abaixo, dentro de uma moldura toda branca. Telhados cinza, azuis e vermelhos de uma cidade, contrastando com campos amarelos, verdes ou castanhos tornam-se quadrados coloridos como numa pintura infantil.

Vemos as coisas de uma perspectiva totalmente diversa quando estamos acima das nuvens.

A cada ano, na Igreja, o bispo designa centenas de jovens líderes no Sacerdócio Aarônico e na organização das Moças. Ser designado assemelha-se muito a voar acima das nuvens. Quando se torna líder da juventude, você é de certa forma "separado" do mundo. Passa a ter que ver as coisas de maneira diferente e a analisar e tomar atitudes em nível diferente.

Joseph Smith, um jovem escolhido para se tornar o profeta-líder da restauração do evangelho, foi designado e "separado" do mundo na idade de um presidente de quorum de mestres de hoje quando foi visitado por Deus, o Pai, e apresentado a seu Filho Amado Jeová. O Senhor proibiu Joseph de se filiar a qualquer das igrejas existentes. Jamais o jovem Joseph poderia retornar a sua antiga maneira de ser. Diante dele abria-se um novo caminho de liderança. Um caminho arriscado, que exigia trabalho altruísta mas que o recompensaria com o amor e lealdade daqueles a quem iria servir. Ele foi designado a liderar eternamente. Tinha agora uma perspectiva nova e mais elevada da vida e de seus semelhantes.

O chamado de liderança tanto requer quanto provê a oportunidade de mudança pessoal. Seus companheiros de idade

Quando se torna líder da juventude, você é de certa forma “separado” do mundo.

precisam agora ser vistos como uma responsabilidade espiritual. As atividades das quais antes você era um participante, agora terão de ser planejadas e organizadas por você. Os consultores e o bispado agora são seus companheiros de serviço. Você não mais ouve os anúncios; você os faz. Você foi designado a um chamado de liderança a fim de assumir atitudes de liderança.

Provavelmente, você não teve qualquer aviso prévio de seu presente chamado. Sem dúvida, sua pouca idade sugere que não tem experiências de liderança. Possivelmente jamais se imaginou na posição de líder. Entretanto, para que tenha sucesso aos olhos do Senhor e satisfação pessoal, você precisa chegar a ver-se como um líder eficiente competente e responsável. O Novo Testamento diz que ninguém põe vinho novo em odres velhos, nem remendos novos em roupas velhas. Você precisa crescer para cumprir o seu chamado.

Esqueça o mito de que os líderes nascem feitos e não se fazem. Dois exemplos nos saltam à vista: Moisés passou quarenta anos na corte do faraó, seguidos de outros quarenta no deserto. Ele não sabia que o Senhor o estava preparando para um tremendo cargo de liderança. Apesar dos oitenta anos de preparação, quando recebeu o chamado no alto do monte sagrado, Moisés

respondeu apavorado: “Quem sou eu, que vá... Eis que não me crerão, nem ouvirão a minha voz... eu não sou homem eloqüente... Eu sou pesado de boca, e pesado de língua.” (Êxodo 3:11; 4:1,10.)

Enoque teve de mudar sua auto-imagem. Mais tarde, veio a tornar-se o poderoso e amado profeta, cujo trabalho foi tão inspirado que todo seu povo se tornou uno de mente e coração. Tão imenso era o amor de uns pelos outros que foram levados como sociedade, para o seio do Senhor. Quando começou, Enoque, não era a personalidade mais natural, popular e dinâmica do lugar em que morava. Ao receber o chamado de liderança, ele implorou ao Senhor: “Por que é que encontrei graça em tua vista? Sou apenas um rapaz, e todo povo me odeia, porque não falo com desembaraço; por que então sou teu servo?” (Moisés 6:31.)

Cada um de vocês, líderes jovens, que está pensando se o bispo foi realmente inspirado quando o chamou, ou se imagina dando uma designação que será rejeitada pelos demais membros do quorum ou classe esteja certo de que foi chamado para ser um colaborador de Deus, e que ele o ajudará. Ele encorajou Moisés lembrando-lhe: “Quem fez a boca do homem?... Vai pois agora, e eu serei com a tua boca, e te ensinarei o que há de falar.” (Êxodo 4:11-12.) Enoque animou-se quando o Senhor lhe prometeu: “Vai e faze o que te ordenei, e nenhum homem te ferirá. Abre a tua boca e ela se encherá, porque te darei palavras.” (Moisés 6:32.) O que o Senhor fez por Moisés e Enoque, com toda a certeza fará igualmente por você.

Quando você é chamado, apoiado e designado, o Senhor o abençoa. Entretanto, muito depende de suas ações e motivação. Ele não encherá odres velhos. Existem técnicas de liderança que



Você foi designado a um chamado de liderança, a fim de assumir atitudes de liderança.

precisam ser aprendidas. Apesar de serem teoricamente simples, quando você as domina, o impacto de sua liderança aumentará drasticamente.

A fim de presidir eficazmente, você deverá dominar estas técnicas:

- Planejar.
- Implantar o planejado.
- Aproveitar bem o tempo.
- Ter uma visão geral do seu encargo.
- Envolver outras pessoas.
- Dirigir reuniões.
- Avaliar o impacto.

Planejar

Os membros de sua classe ou quorum dificilmente ultrapassarão suas próprias expectativas. Tais aspirações devem ser claras, concisas e, contudo, flexíveis. Como nos é sugerido pelo título de um livro conhecido: "Se você não sabe aonde vai, é provável que chegue no lugar errado".

1. Quais são seus objetivos ou metas no sacerdócio?
2. Eles são razoáveis e benéficos?
3. O que precisa ser feito para atingir esses objetivos?
4. De que pessoas, dinheiro e tempo você dispõe?
5. Quando deverão ser atingidos?
6. Que restrições você precisa compreender?

Implantar o Planejado

Um plano é apenas um desejo se não for seguido de ação. Espere sempre que as pessoas cumpram sua parte no serviço; depois chame-as e incentive-as a cumprir suas responsabilidades.

1. Você anotou as "coisas a serem feitas" e revê essa lista freqüentemente?
2. Imediatamente após uma reunião, você faz uma lista do que precisa ser feito para implementar o que foi discutido na reunião?
3. Você telefona às pessoas durante a semana para lembrar-lhes uma atividade ou designação?

Aproveitar o Tempo

Não existe falta de tempo. Você sempre tem tempo para fazer o que gosta e considera importante. Aprenda a decidir o que é importante. Aprenda a aproveitar o tempo. Todas as pessoas no mundo têm as mesmas vinte e quatro horas diárias desse tesouro irrecuperável.

1. Você estabeleceu as prioridades?
2. Você eliminou atividades que não o ajudarão a atingir sua meta?
3. Você planeja o trabalho, faz o que planejou e põe o plano a funcionar?
4. Você deixa que outros participem do trabalho fazendo designações?

Ter uma Visão Geral

"Ah, agora eu entendi" é a grande descoberta que acaba com a frustração e faz as pessoas porem mãos à obra com confiança. Para que os membros de seu quorum ou classe participem do trabalho, incentive-os, mostrando como sua parte se enquadra no plano ou esquema maior. Permita que vejam o valor e a seqüência das atividades e seu relacionamento com as idéias e metas. Não limite a visão do plano.

1. Você conhece as perspectivas maiores de seu bispo e consultores?

Dê uma oportunidade de participar a todos de seu grupo depois ajude-os individualmente.

2. Ao fazer uma designação, você explica à pessoa o motivo da mesma, sua importância e de como ela se encaixa no programa geral?

Envolver Outras Pessoas

Se quer ser bem sucedido, deve delegar responsabilidades. Multiplique sua capacidade como líder, fazendo designações. Sempre inclua no planejamento quem vai executar o plano. Dê oportunidade a outras pessoas de terem sucesso e cumprirem suas designações. Dê uma oportunidade de participar a todos de seu grupo e ajude-os individualmente. Aproveite a capacidade de cada um e permita que outras pessoas se desenvolvam e progridam.

1. Quantas vezes você pergunta a si mesmo: "Isto é algo que outro membro da classe ou quorum poderia fazer?"

2. Ao fazer uma designação, você explica claramente o propósito, importância, tempo e extensão do trabalho?

3. Você é flexível a ponto de esperar os resultados, compreendendo que existe mais de uma maneira de se cumprir uma tarefa?

4. Você pede um relatório de progresso durante o transcorrer da tarefa, usando perguntas específicas?

5. Você concede tempo no final da designação para que os outros relatem o que fizeram?

Dirigir Reuniões

Você não pode trabalhar e participar de reuniões ao mesmo tempo. Portanto, limite as reuniões e torne-as eficientes. Planeje cada reunião e considere o que você quer alcançar e o que precisa fazer durante a reunião para atingir os resultados desejados. Cada reunião deve ter um propósito, uma conclusão e um bom aproveitamento do tempo gasto.

1. Você é organizado e tem uma agenda?

2. Você é confiante e dirige a reunião com entusiasmo?

3. Ao dar as boas-vindas, você sempre reconhece as pessoas importantes que estão presentes?

4. As atas são lidas, a fim de se lembrar de planos e designações passadas?

5. Você faz com que as pessoas estejam bem na reunião?

6. As idéias e opiniões de outros são reconhecidas e utilizadas?

7. Você agradece aos que participam?

8. Todos deixam a reunião com idéias e expectativas claras?

9. Ao passar o tempo para o professor ou orador, você o faz com o devido entusiasmo e bom humor, e o elogia ao apresentá-lo?

10. Você é um bom representante do Senhor e de sua Igreja?

Avaliar o Impacto

Planos eficientes e concisos tornam as avaliações mais fáceis; tudo que você tem a fazer é verificar quanto de suas metas foi alcançado. Depois de analisar o que foi alcançado, concentre-se nas áreas cujos resultados foram insatisfatórios.

1. Suas metas eram realistas e importantes, em primeiro lugar?

2. Você ficou contente com o que aconteceu, e considera os resultados aceitáveis?



COM RESPEITO À ÁGUA E AO PÃO

Laird Roberts

Era um dos primeiros dias cálidos da primavera. As janelas de nossa igreja foram abertas pela primeira vez naquele ano, e a quente e brilhante luz do sol encheu a capela com seus longos raios. Uma leve brisa de primavera entrava pela janela, trazendo o aroma de flores que desabrocham fora do alcance de nossos olhos. Meus avós e vários de meus tios e tias estavam sentados orgulhosamente ao lado de meus pais. Eu sentava-me no primeiro banco da capela, junto com os diáconos. Era a primeira vez que ia distribuir o sacramento.

O hino sacramental terminou.

O bispo nos acenou com a cabeça e juntos nos erguemos e dirigimos para a mesa. A toalha branca foi removida e cuidadosamente dobrada, e depois proferida a oração. Senti a importância daquelas palavras e ordenança como nunca antes. Com meus parentes e, a



meu ver, toda a congregação a me observar, procurei agir com a maior reverência e dignidade possível. Senti um forte orgulho por poder distribuir o sacramento. Era uma grande honra. Quando a reunião terminou, quase todas as pessoas da minha ala me vieram cumprimentar.

Muitos meses se passaram, e durante esse tempo, juntamente com os demais membros do meu quorum, comecei a esquecer, um pouco, a honra de ser portador do sacerdócio e de distribuir o sacramento. Não nos lembrávamos do que significava a ordenança. Tornou-se uma obrigação. Algo que tínhamos de fazer. Um serviço que nos era dado porque ninguém mais queria fazê-lo.

Essa atitude começou a influenciar o modo como executávamos a ordenança. As diferenças eram pequenas. Algumas vezes chegávamos atrasados para a



3. O que você faria diferente se tivesse de fazê-lo novamente?

4. A quem você pediria ajuda?

Dominar essas técnicas contribuirá bastante para melhorar sua eficiência como líder. Mas para ser realmente bem sucedido, você deve lembrar-se sempre de quem é o trabalho no qual está empenhado. Seu propósito não é simplesmente alcançar metas. Você está a serviço do Senhor e de seus filhos, e para sair-se bem você precisa de aprender a amá-los.

Pense a respeito de seu chamado como líder. Visualize a grandiosidade

dessa oportunidade. Evite o sentimento semelhante ao daquele rapaz que escreveu no pedido de bolsa de estudos, na parte a respeito de designações na Igreja: "Chamados de liderança usuais". Não existe um chamado de liderança usual, quando se age em nome do Senhor.

O bispado o designou, impondo as mãos sobre sua cabeça... Agora, é a sua vez de erguer a cabeça acima das nuvens, para ver o mundo de uma perspectiva mais elevada. Você é um líder com direito a receber inspiração do Senhor, a magnificar sua designação. ★



reunião sacramental. Ocasionalmente não nos vestíamos de maneira como deveríamos. E conversávamos durante a reunião, não muito alto, nem durante o sacramento, mas o bastante para sermos notados. Eram pequenas coisas, mas elas apequenavam o caráter sagrado da ordenança de que éramos incumbidos.

O bispo pediu ao nosso consultor que conversasse conosco a respeito. Todo domingo pela manhã, durante diversas semanas, ele tentou explicar-nos a importância do que estávamos fazendo, do sacerdócio de Deus e da ordenança do sacramento. Falou-nos dos filhos de Aarão, do Getsêmani e do Calvário. Ele era um homem de idade e podíamos sentir que dava grande importância às coisas que nos dizia. Melhoramos um pouco nosso comportamento. Então, passados alguns domingos, voltamos a nos comportar inadequadamente.

Certa manhã, terminada a aula do sacerdócio, nosso consultor nos deteve.

“Não precisam preocupar-se com o sacramento hoje”, disse ele. “Já foram tomadas providências a respeito.”

Ficamos surpresos e curiosos, mas também contentes por escapar do serviço, mesmo que fosse apenas por um dia. Chegamos atrasados à reunião, como de costume, no meio do hino, e nos sentamos num dos bancos do meio. Sentados no banco dos diáconos, juntamente com nosso consultor, estavam os sumos sacerdotes da ala. Eles eram os mais velhos e mais respeitados homens de nossa ala. Dois deles haviam sido bispos e um fora presidente de estaca. Todos ocupavam ou haviam ocupado altos cargos de honra e responsabilidade. O hino terminou. Eles se levantaram e a oração foi proferida.

Pela sua atitude e reverência, era fácil de perceber que tinham grande respeito e sentiam-se honrados pelo que estavam fazendo. Era uma tarefa muito significativa para eles. Todos trajavam ternos escuros, camisa branca e gravata. Mas havia algo além da maneira de vestir ou mesmo de como se comportavam durante a ordenança. A congregação estava em silêncio. O sacramento tornou-se algo profundamente sincero e sagrado. Havia algo mais profundo, algo muito mais significativo. Havia um espírito diferente. Um sentimento mais profundo do que palavras podem traduzir.

As janelas da capela estavam abertas naquele domingo. Era fim de outono e o aroma das folhas caídas entrava pelas janelas. Eu podia ver o céu azul por entre as nuvens. Folhas caíam das árvores. Sentia-me muito humilde. A distribuição do sacramento não era um serviço que ninguém mais queria. Era um serviço que me fora confiado como responsabilidade sagrada. Era a maior de todas as honras. ★

